

O “Maracanã das peladas”: o Aterro do Flamengo e a construção de uma identidade “peladeira”

A pelada é a instituição universal do futebol. (...). É coisa tão genial que mesmo os garotos ricos unem-se à simplicidade do garoto pobre e com eles se irmanam no contato da bola, da corrida no asfalto da rua ou no paralelepípedo da praça. Pelada boa, para ser pelada, tem história comprida, de radiopatrulha botando todo mundo para correr, de vidro quebrado e discussão com o morador ranzinza (...).

Depoimento de Tim, técnico do Fluminense em 1966, ao *Jornal dos Sports*

2.1. A construção do Aterro do Flamengo

O Aterro do Flamengo é fruto de transformações urbanas que aconteciam no Rio de Janeiro por volta da segunda metade do século passado. A antiga capital do país buscava se modernizar e dar conta do crescimento populacional e viário que estava em curso (ABREU, 2006; SANTUCCI, 2003).

O Aterro do Flamengo, ou Parque do Flamengo, oficialmente pouco conhecido como Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, é um modelo do movimento modernista que se instalava na cidade. Está situado na área que cobriu as antigas praias e enseadas do Boqueirão, Areias de Espanha, Lapa, Sapateiro, Glória, Russel, Flamengo, Francisco Velho e Botafogo.

O aterro propriamente dito foi feito com material proveniente do desmonte do morro de Santo Antônio, cujas obras começaram em 1952. O desmonte do morro, o aterro que acompanha o traçado da antiga Avenida Beira-Mar e a construção do Parque foram concebidos de modo integrado, embora realizados em períodos distintos.

O objetivo das três iniciativas era permitir a criação de terrenos valorizados na área central da cidade e, sobretudo, a construção de vias expressas ligando o Centro a Copacabana. A idéia de ganhar áreas de mar por meio de aterros era uma tentativa da administração municipal de evitar os altos custos das desapropriações necessárias ao alargamento das principais vias do Flamengo, Catete, Glória e Botafogo.

As obras de construção do Parque começaram a ser feitas em 1960. Pode-se dizer que o Aterro do Flamengo foi concebido dentro de uma série de

iniciativas que visavam resolver o problema viário no Rio de Janeiro. Entre 1950 e 1960 a cidade conheceu uma explosão metropolitana significativa, alimentada por intensos fluxos migratórios. A expansão física da malha urbana se acelerou e com ela aumentaram as distâncias entre o centro e as áreas suburbanas. O crescimento das favelas e o processo acelerado de verticalização da Zona Sul, com conseqüente adensamento populacional, são do mesmo período.



Figura 2. Obras no Aterro do Flamengo nos anos 60. Fonte: Google.

2.1.1. O Aterro como área de lazer

A ideia de destinar àquela área para a construção de um espaço público de lazer deve-se a iniciativa de Carlota Macedo Soares, a Lota Soares, paisagista e urbanista. Ela contou com o apoio do então governador Carlos Lacerda – a quem tinha ajudado na campanha para o governo – e, apesar das resistências políticas, conseguiu levar à frente o projeto de fazer do Aterro mais do que uma obra para solucionar problemas de trânsito.

Foi formada uma equipe denominada “grupo de trabalho” para desenvolver esse projeto. Era composta por arquitetos, urbanistas, botânicos, engenheiros, todos comandados por Lota Soares. O projeto arquitetônico ficou a cargo de Affonso Eduardo Reidy e o desenho paisagístico foi de Burle Marx.

Lota definiu assim a concepção do parque:

Quis este governo, ao continuar as obras do aterro, fazê-lo sob inspiração menos mecanizada e anti-humana (...). Dada sua posição estratégica, serve o Parque do Flamengo tanto a zona norte quanto à zona sul (...). A ideia básica do projeto é pois dar

a todos os cariocas e as suas famílias a oportunidade de passar o domingo ao ar livre. (...) o aterrado tal como concebeu o grupo de trabalho cuida tanto da beleza e conservação da paisagem quanto da utilidade dela, põe as necessidades do homem diante das reivindicações da máquina, ousa oferecer ao pedestre o seu quinhão de sossego e lazer, a qual ele tem direito, mas que nenhum governo pensou até agora em lhe garantir. (SOARES apud SANTUCCI, 2003, p.119) [grifo meu]

A construção de áreas de lazer no Aterro não constava no planejamento inicial. O objetivo era apenas resolver o problema do trânsito, que se agrava também com o aumento do número de carros na cidade. Essa iniciativa do “grupo de trabalho” pode ser pensada como fruto de um movimento datado nos anos 1960 que pretendia “devolver” a cidade – e seus espaços – de modo geral, aos seus moradores, aos pedestres. Conforme é citado no artigo da arquiteta Cristiana Maria de Oliveira Magalhães (2007), temos que

no intuito de devolver a cidade moderna à coletividade expropriada ao longo do processo de constituição das grandes aglomerações urbanas contemporâneas, arquitetos e urbanistas entregaram-se, particularmente a partir dos anos 60, uma verdadeira obsessão pelo ‘lugar público’, em princípio o antídoto mais indicado para a patologia da cidade funcional (...). A ideia diretora era reativação, ou criação, de lugares com sentido forte, em geral ligados a práticas coletivas que impregnam a representação e a vivência da cidade pelos seus habitantes. Com isto, e dispensando-se o recurso a modelos, a cidade deveria em princípio voltar a ser uma *res cívica*. (ARANTES apud GUIMARÃES, 2007, p.1)

A idealização do Aterro pode, portanto, também ser pensada dentro desse contexto. A ideia do “grupo de trabalho” era desenvolver um espaço para marcar e possibilitar uma vivência coletiva, que naquele momento estava ameaçada pela lógica de cidade funcional, em que os espaços estão separados de acordo com suas devidas funções de habitar, trabalhar, circular e recrear.

O debate sobre a construção do Parque foi intenso. Inicialmente seriam feitas quatro pistas viárias, sentido centro-sul/sul-centro. De acordo com os planos do governo, representado pela SURSAN (Superintendência de obras do Morro de Santo Antonio), o Parque ficaria conformado em uma pequena faixa distante do mar, ideia que não agradava ao “grupo de trabalho”.

A contraproposta apresentada por eles, e debatida na Câmara dos Vereadores, era a construção não de quatro, mas de duas pistas somente. Essa proposta saiu vencedora e o projeto foi levado adiante. Para conseguir tal feito, Lota argumentou que:

o maior inimigo da beleza e do conforto de uma grande cidade é o automóvel. As pistas cada vez mais largas, os estacionamentos cada vez maiores vão destruindo rapidamente os edifícios antigos, as travessas estreitas, os jardins, os becos, as tortuosas ruas, que desembocam inesperadamente em pequenas praças, e que dão à cidade aquele elemento surpresa e de originalidade que as distingue das outras. Assim a cidade vai perdendo seu caráter e sua personalidade para se parecer cada vez mais com os subúrbios de Los Angeles. (SOARES apud SANTUCCI, 2003, p.119)

A ideia de Lota era privilegiar o pedestre, não os automóveis. Derrotado o projeto inicial do governo, o Aterro passou a ser pensado também como um Parque, um espaço de lazer e recreação pública para os moradores do Rio de Janeiro.

O projeto de urbanização da área aterrada – parcialmente concluído e inaugurado em 1965 – envolveu, então, além das amplas pistas para o escoamento do tráfego, diversas áreas de lazer ao ar livre, três passagens subterrâneas e cinco passarelas de acesso à praia e parques. Foram construídas duas pistas de aerodelismo, oito campos de futebol, oito quadras de vôlei, futebol de salão e basquete. Há ainda um coreto, um anfiteatro, dois parques de recreação e o Museu da Carmem Miranda.

Segundo Jane Santucci (2003, p.34), os parques contemporâneos não se isolam das cidades e compõe o a malha urbana, disponibilizando em seu cenário atividades de lazer, contemplação, passeio e convívio social. O Aterro foi construído dentro deste propósito.

Preocupados com os possíveis objetivos relacionados à área devido às sucessivas trocas de governo, o “grupo de trabalho” encaminhou uma carta ao IPHAN pedindo que fosse feito o tombamento do Parque. Lota alertou para a “extrema leviandade dos poderes públicos quando se trata da complementação ou permanência dos planos. Uma obra que tem como finalidade a proteção à paisagem obedece critérios ainda muito pouco conhecidos pelas administrações e pelos particulares.”(SOARES apud SANTUCCI, 2003, p.122)

O tombamento data de 28 de julho de 1965, e foi feito antes mesmo da sua inauguração, em 12 de outubro do mesmo ano. A medida foi um importante meio para evitar novas construções e outras implicações para o Parque, que não suas finalidades iniciais de área de lazer pública e gratuita.

Com o passar dos anos o Aterro foi se confirmando como um espaço de lazer ocupado pelo carioca, não apenas pelos moradores do seu entorno. O abandono pelas administrações públicas, no entanto, acarretou algumas consequências negativas para a região, como a violência, sujeira e depredação, por exemplo.

Passados doze anos da inauguração, como informa a matéria intitulada “Obra não acaba e Parque do Flamengo está disvirtuado (sic)”, publicada no Jornal do Brasil de 16 de janeiro de 1977, o parque ainda não estava terminado, mas Ethel Bauzer Medeiros, vice-presidente da Associação Mundial de Lazer e Recreação, que foi assessora do “grupo de trabalho”, demonstrou-se então satisfeita com a função do Parque ao longo do tempo. Para ela,

a maior satisfação, passados tantos anos, é poder constatar, pela intensidade da frequência, a utilidade indiscutível do Parque. Muitos o combateram quando do seu planejamento, pois quiseram aumentar o número de pistas para automóveis na área conquistada ao mar. (...). (Jornal do Brasil, 16/01/1977)

Quanto a diagnosticar um possível desvirtuamento dos planos iniciais para o Parque, tem-se reforçada a ideia de como aquele espaço foi pensado e elaborado com determinados fins, que nem sempre eram cumpridos. Lota Soares faleceu dois anos após a inauguração do Parque, em 1968, mas o paisagista Burle Max manteve-se atento aos rumos que estavam sendo destinados à sua obra.

Por ser um espaço público muito grande e valorizado, Burle Marx mostrou-se preocupado com a usurpação do lugar em favor de interesses privados. E, passados vinte anos da inauguração do Parque, continuou a manifestar a mesma inquietação. Disse ele que

o Parque do Flamengo foi e continua objeto da cobiça de empresários de todos os ramos, que não entendem o que é tombamento pelo Patrimônio Histórico. Essas investidas não param e a única atitude que nos cabe é lutar contra isso. Esses empresários não respeitam nada, e temos de lutar e ganhar causas. (Jornal do Brasil, 10/01/81, Caderno B)

Além desses, outros problemas também assolavam o Parque. Segundo Burle Marx:

Esse parque já sofre, por si, uma série de investidas do povo, que o destrói. Há mendigos atrás do MAM, acampados para morar. Há mais mendigos espalhados pelo Parque e fazem do lago um local para lavar roupa. Bem, isso é um problema de ordem social (...) cabendo às autoridades achar um local adequado para esses mendigos. (...) Há as árvores cuidadosamente selecionadas para o clima e a paisagem brasileiros que estão destruídas pela macumba. (...). A gente não é contra a macumba, marina [da Glória] nem mendigos, mas cada um tem de ter o seu local específico. Reforço que esse parque foi construído para o povo ter um espaço, e principalmente as crianças. (Jornal do Brasil, 10/01/81, Caderno B)

As quadras de futebol estudadas nessa dissertação são provavelmente o “pedaço” mais ocupado do Aterro. A seção que se segue tratar-se-á de reconstruir o processo de ocupação das quadras e resgatar, a partir de pesquisa em jornais, como o Aterro do Flamengo passou a ser identificado como o lugar das peladas e de que forma passou a ser conhecido como o “templo sagrado” dos peladeiros do Rio de Janeiro.

2.2 As peladas têm história

2.2.1. Um “pedaço” do Aterro do Flamengo

O Aterro do Flamengo, como foi descrito no começo desse capítulo, é uma grande área popular de lazer da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, para este trabalho, me interessam apenas e de maneira especial um determinado espaço do parque: as oito quadras que se localizam entre a Praia do Flamengo e as pistas da Avenida Infante Dom Henrique, em frente aos jardins do Museu República e que seguem até as imediações do antigo Hotel Glória.

Para essa abordagem trago o conceito de “pedaço”, elaborado pelo antropólogo José Guilherme Magnani no livro “Festa no Pedaço. Cultura popular e Lazer na cidade.” (2003). A experiência no campo remeteu à categoria “pedaço”, desenvolvida por Magnani na sua pesquisa realizada sobre o Circo e as

relações estabelecidas a partir e no entorno dele na periferia da cidade de São Paulo.

O “pedaço” é constituído essencialmente por dois componentes: um de ordem espacial e física, que demarca um território, e outro social, que configura a rede de relações estabelecidas naquele território. É um espaço em que são reforçados os laços de sociabilidade e certas regras de lealdade são determinadas. Lá os freqüentadores se conhecem, se identificam.

Segundo ele, o “pedaço” é

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa, estável que a relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2003, p.116)

O conceito de Magnani, a princípio, é de uso restrito. Só seria de fato do “pedaço” quem morasse nas redondezas dele, e que, além disso, combinasse também laços de parentesco, vizinhança e procedência com os demais. No entanto, o próprio autor abre uma brecha no conceito quando, em um artigo pensa nas regiões centrais da cidade de São Paulo (MAGNANI, 2002) . Nessas áreas onde normalmente não há vínculo de vizinhança, os freqüentadores não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem e, assim, estabelecem as relações sociais tendo aquele “pedaço” como referência comum.

Utilizando-se da etnografia realizada no Centro Comercial Presidente, galeria freqüentada por jovens negros identificados pela estética *black* em São Paulo, Magnani afirma que, naquele “pedaço”,

gângues, bandos, turmas, galeras exibem – nas roupas, nas falas, na postura corporal, nas preferências musicais – o *pedaço* a que pertencem. Neste caso, já não se trata de espaço marcado pela moradia, pela vizinhança, mas o ‘efeito pedaço’ continua: venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços. Quando jovens negros saem de suas casas e dirigem-se a esse seu *pedaço* localizado no Centro Comercial Presidente não o fazem, necessariamente, com o objetivo de dar um ‘trato no visual’ ou comprar discos, vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. É bom estar lá, ‘rola um papo legal’, fica-se sabendo das coisas... e é assim que essa rede da sociabilidade vai sendo tecida. (MAGNANI, 2002)

Os jogadores de pelada do Aterro do Flamengo não são necessariamente moradores do bairro, e as relações construídas ali não passam pelo vínculo de vizinhança. Eles compartilham códigos comuns e fazem daquelas quadras uma área de sociabilidade que, em determinadas circunstâncias, vai além do esporte. Aquelas quadras de futebol são o “pedaço” dos peladeiros no Aterro do Flamengo e na cidade do Rio de Janeiro e lá eles se identificam enquanto tal.

Outro conceito elaborado por Magnani importante para este trabalho é o de “mancha”. As “manchas”, na concepção do antropólogo, são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática dominante” (MAGNANI; TORRES, 2008, p.40). A partir daí, penso no Aterro do Flamengo como uma “mancha” de lazer e esporte, um ponto de referência na cidade para determinadas práticas esportivas ou de entretenimento, como a pelada.

O Parque do Flamengo está localizado no limite entre Zona Sul e Centro. Em frente às quadras de futebol passam ônibus para diversos pontos da cidade: Zona Sul, Norte, Oeste, Centro. Há ainda uma estação do metrô a um quarteirão de distância. É um lugar acessível a uma parte razoável da população do Rio de Janeiro, que por não ter aquela mesma estrutura e oferta de lazer onde mora, é freqüentadora do Parque.

Aquele espaço, mesmo localizado na Zona Sul, não se elitizou. Pelo contrário, tornou-se uma área de convívio e diversão popular. O Parque do Flamengo caracterizou-se por atrair moradores que não necessariamente habitam seus arredores, mas justamente os que vêm de longe dali, os suburbanos.

As quadras de futebol também têm essa característica. Não por acaso, ao contar para amigos e conhecidos o tema da minha dissertação, sempre perguntavam se o time que eu acompanhava era o dos garçons ou o dos porteiros. O local, de fato, tem essa identificação. Os campos ficaram conhecidos como o lugar dos “paraíbas” – expressão empregada muitas vezes pelos jogadores do Ellite para se referirem a alguns de seus adversários -, como são chamados os nordestinos no Rio de Janeiro. A expressão pode ser usada também de forma pejorativa, para se referir a qualquer pessoa que não se comporte, se vista, se porte de uma forma que a classe média/alta entenda como ideal.

O historiador José Murilo de Carvalho, no livro “Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi” (1987), aponta para uma característica do Rio de Janeiro, desde o início da República, no que diz respeito à participação popular, mesmo em espaços considerados elitistas, ou com essa tendência. Afirma ele que:

O que acontecia na capoeiragem, a convivência de classes distintas, era o que se dava tradicionalmente nas irmandades religiosas e nas organizações de auxílio mútuo. E foi o que passou a dar-se cada vez mais em instituições e atividades inicialmente exclusivistas ou mesmo vetadas e perseguidas. A população do Rio foi construindo algumas ocasiões de auto-reconhecimento dentro da metrópole moderna que aos poucos se formava. A grande festa da Penha foi tomada do controle branco e português por negros, ex-escravos, boêmios; as religiões africanas passaram a ser freqüentadas por políticos como, pasmem, J.Murtinho; o samba foi aos poucos encampado pelos brancos; o futebol foi tomado dos brancos pelos negros. *Movimentos de baixo e de cima iam minando velhas barreiras e derrotando as novas, que se tentavam impor com a reforma urbana.* (CARVALHO, 1987, p.156) [grifo meu]

Cabe perguntar se a característica do carioca de minar barreiras de baixo pra cima não estaria igualmente presente nas peladas realizadas no Aterro do Flamengo, já que o Parque está localizado na Zona Sul da cidade e é bastante freqüentado por moradores de outras regiões. O próprio futebol, esporte praticado naquelas quadras, é citado pelo historiador como um dos representantes desse “movimento”.

Interessante a esse respeito é a reportagem realizada pela Revista Placar em 5 de março de 1971 sobre o Campeonato Carioca de Pelada, considerando-o o “maior torneio de futebol do mundo”, com a participação de 30 mil jogadores, organizado também pelo Jornal dos Sports. Na época, o jornal destinava um departamento inteiro apenas para organizar o campeonato.

De fato, um dos aspectos mais relevantes destacados na reportagem – e até hoje presente nos campos do Aterro – é a diversidade dos freqüentadores do local:

Gente de todo tipo, de todas as atividades, condições sociais, condições técnicas, econômicas, se inscreveu. Homens públicos, como Rafael de Almeida Magalhães; homens de negócio como Ermelindo Matarazzo; dezenas de craques do passado; milhares de jovens; milhares de funcionários, operários. No Aterro, uma vez por ano, eles são todos iguais,

oito de cada lado, na terra batida, entregues à paixão da pelada. (Revista Placar, 05/03/1971, pp.36-7)

A reportagem diz também que a presença de torcedores variava entre 4 e 5 mil pessoas nos finais de semana, e se tornava aos poucos um hábito dos moradores do bairro assistir aos jogos durante a semana, antes de voltarem para casa do trabalho.

Uma bola, oito homens com disposição. Arranjem mais oito, surge o adversário. É a pelada. Somem-se todos que, descalços, de tênis, de chuteira, de tamanco; no campo, na rua, na praça, no escritório, na praia, na escola, fazem isso. E você tem o Campeonato Carioca de Pelada, o maior torneio de futebol de todo o mundo. (Revista Placar, 05/03/1971, p.37)

Voltando novamente ao mesmo texto de José Murilo de Carvalho, é possível registrar, agora, que o historiador identifica uma tendência do Rio de Janeiro (ou dos cariocas) pela mistura. O que não significa, entretanto, a afirmação de uma “democracia”, tampouco de uma igualdade entre as pessoas. No Brasil, como sabemos, cada coisa tem seu lugar¹: as hierarquias estão bem definidas entre nós. No entanto, em algumas circunstâncias, a linha que garante essas separações é um pouco mais tênue e maleável. Comenta o autor que:

a cidade mantinha suas repúblicas, seus nódulos de participação social, nos bairros, nas associações, nas irmandades, nos grupos étnicos, nas igrejas, nas festas religiosas e profanas e mesmo nos cortiços e nas maltas de capoeiras. Estruturas comunitárias não se encaixavam no modelo contratual do liberalismo dominante na política. Ironicamente, foi da evolução destas repúblicas, algumas inicialmente discriminadas, se não perseguidas, que se foi construindo a identidade coletiva da cidade. *Foi nelas que se aproximaram povo e classe média, foi nelas que se desenhou o rosto da real cidade, longe das preocupações com a imagem que se devia apresentar à Europa. Foi o futebol, o samba e o carnaval que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, por cima e além das grandes diferenças sociais que sobreviveram e ainda sobrevivem.* (CARVALHO, 1987., p.163) [grifos meus]

As peladas naquelas quadras acontecem desde a inauguração do Parque do Flamengo. Os campos construídos substituíram os terrenos baldios, cada vez mais

¹ Ver: DAMATTA, Roberto. Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

raros na cidade que crescia a largos passos, como um lugar para a prática do futebol. Não se pode saber ao certo como ocorreu o processo de ocupação das quadras. O que se sabe é que desde o início ele se apresentou de forma satisfatória, cumprindo o que era esperado pelo “grupo de trabalho” quando idealizou o Parque.

Um evento importante para a identificação do Aterro do Flamengo como o lugar das peladas jogadas na cidade do Rio de Janeiro, bastante destacado pela imprensa na época, foi o I Torneio de Peladas, em 1966, organizado pelo Jornal do Sports. Vejamos mais de perto como o evento contribuiu para a configuração das formas de sociabilidade que nos interessam nessa dissertação assim como para as representações do Aterro como um local particular e especial da cidade, quando se fala de pelada.

2.2.2. I Torneio de Peladas do Aterro do Flamengo do Jornal dos Sports

A inauguração do Aterro do Flamengo aconteceu em 1965, com uma pelada comandada pelos campeões mundiais de 1958, Castilho e Nilton Santos, que representavam os times do Fundo de Assistência ao Atleta Profissional e da Administração dos Estádios da Guanabara, atual SUDERJ. Informou Jornal do Brasil de 14 de setembro de 1965 que esse foi o ponto alto da festa.

Os campos de pelada foram comentados por grandes craques do futebol brasileiro, como Nilton Santos, que participou da pelada de inauguração do Parque. Segundo ele, “foi realmente uma providência original e das mais felizes pois esses campos, construídos praticamente no centro da cidade, poderão se constituir em verdadeiros celeiros de craques e, quem sabe, dali sairão outros Pelés” (Jornal do Brasil, 19/05/65, 1º Caderno, p.5). Já havia, também, uma preocupação com o futuro das quadras, semelhante à preocupação que o “grupo de trabalho” tinha com o próprio Aterro: “(...) por mais incrível que pareça é bem possível que aqueles campos sejam destruídos com o passar do tempo, se não forem cuidados, tratados e conservados.” (Jornal do Brasil, 19/05/1965, 1º Caderno, p.5).

Nilton Santos comenta sobre a grande procura, já àquela época, pelas quadras para se conseguir jogar devido à quantidade de equipes interessadas em

disputar suas partidas naquele espaço. Afirma o ex-jogador que “foi solicitado para servir de pistolão, no sentido de conseguir reservas de campos para clubes de futebol amador. – Eles alegaram que para se conseguir jogar no Parque do Flamengo seria preciso guardar um campo desde a madrugada.” (Jornal do Brasil, 19/05/1965, 1º Caderno, p.5). De acordo com Nilton Santos, se existisse uma Fundação para administrar o Parque – o que viria a acontecer posteriormente – “os clubes que quisessem utilizar um dos campos de pelada poderiam fazer reserva com dias de antecedência e se dirigirem para o local minutos antes do início do jogo” (Jornal do Brasil, 19/05/65, 1º Caderno, p.5). Propunha, então, uma forma de organizar a pelada naquele espaço público.

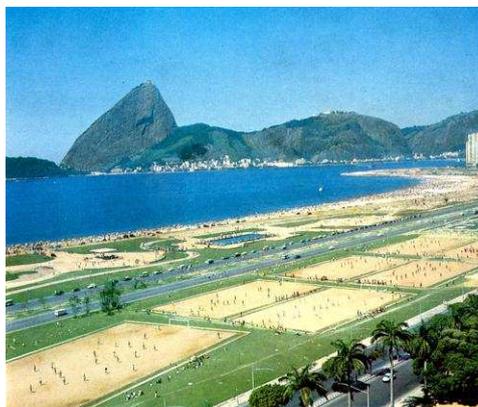
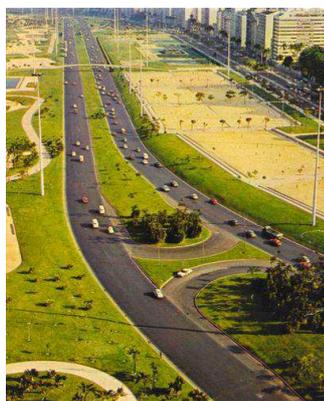


Figura 3. Campos de Pelada nos anos 1960, 70 e 80. Fonte: Google.

O jornalista Mario Filho, autor de um dos clássicos sobre futebol no Brasil – “O negro no futebol brasileiro” (2003) – era dono do Jornal do Sports, jornal fundado no ano de 1931. Mario Filho comprou o jornal em 1936, e fora responsável pela organização de uma série de eventos esportivos no Rio de Janeiro, como o Torneio de Primavera, os Jogos Infantis, o Torneio Rio-São Paulo de futebol e Torneio de Peladas, realizado do Aterro do Flamengo. Destaca-se entre todos esses eventos a primeira edição desse Torneio de Peladas, no ano de 1966, que será analisada mais detidamente. Como o material sobre o campeonato é escasso, utilizarei como fonte principal a cobertura realizada pelo próprio Jornal dos Sports.

Em abril de 1966 o Parque do Flamengo ainda não estava finalizado, mas já havia caído nas graças do carioca, especialmente pela sua beleza, como informa a matéria do Jornal dos Sports:

(...) Hoje o Rio de Janeiro se orgulha de possuir a mais bela obra paisagística do país. O Parque do Flamengo, com seus imensos canteiros verdes, palmeiras, arborizações variadas, flores as mais lindas, é o logradouro confortável da cidade, onde as crianças e os cariocas de modo geral vão espairar suas mágoas e respirar um pouco de ar puro nas horas de lazer. Lá estão os play grounds e o trezinho para delícia da gurizada: a grama verde e refrescante para os que vão gozar a paisagem. E plantados ali na altura do Hotel Glória, estão os campos de futebol, de que os populares se apossaram para disputar suas peladas (...).” (Jornal dos Sports, 16/03/1966, p. 2)

As mobilizações em torno do I Torneio de Peladas iniciaram em março de 1966. A primeira notícia foi publicada no dia 13 de março daquele ano, um domingo, e avisava aos leitores do jornal sobre o Torneio, a ser realizado com apoio da Fundação Parque do Flamengo, representada por Lota Soares e Hélio Mamed. O evento teria um caráter popular – aspecto que é destacado nesta e em diversas outras matérias sobre o evento – com o objetivo também de dar oportunidade aos peladeiros de mostrarem seu talento. “É nas peladas que eles aprendem a jogar futebol. Quantos jogadores, que hoje anseiam por um lugar na seleção nacional, deram seus primeiros passos nas renhidas peladas dos terrenos baldios, nos subúrbios ou no asfalto ou macadame das ruas da cidade?”² (Jornal dos Sports, 13/03/66, p.2)³, indaga o autor da matéria.

É recorrente nas reportagens a ideia da pelada como reveladora de talentos, e do Torneio como um espaço muito importante – e necessário - para o surgimento de novos craques. Os depoimentos de jornalistas, cronistas esportivos, jogadores profissionais e mesmo dos peladeiros destacam a relevância da pelada para o futebol brasileiro, como se um não existisse sem o outro. “Através das peladas é que podem surgir novos Pelés e tudo aquilo que pudermos fazer para desenvolver da melhor forma possível o futebol brasileiro (...)” (JS, 04/04/66, p.7); “a pelada é justamente o lugar onde se descobre o verdadeiro jogador de futebol” (JS, 06/04/66, p.7); “dele [do I Torneio de Peladas] tenho certeza sairão alguns futuros craques de elevado gabarito (...)” (JS, 01/04/66, p.7) afirmaram ao Jornal dos Sports os jornalistas Ismar Buarque, do Correio da Manhã, Nilton Ribeiro, e o locutor Celso Garcia, respectivamente.

² A matéria não é assinada, assim como todas as outras do Jornal dos Sports. As que assim forem serão sinalizadas.

³ A partir de agora, o Jornal dos Sports será referido como “JS”.

Para o futebol do Rio de Janeiro, o Torneio também parecia representar uma oportunidade de descobrir novos jogadores. “Olheiros” e técnicos de equipes do futebol carioca asseguravam presença no evento com o objetivo de observar os participantes e, quem sabe, contratar alguns para comporem suas equipes. José Carlos Araújo, locutor de rádio, disse ao *Jornal dos Sports* que “se os clubes cariocas quiserem reforçar seus quadros, principalmente os que andam à cata de bons jogadores, mas que custam muito caro, é só mandar os chamados ‘olheiros’ aos campos do Aterro do Flamengo, que poderão escolher à vontade” (JS, 01/04/1966, p.7)

É interessante pensar que essa relação direta entre pelada e celeiro de novos craques difere bastante da que temos hoje.⁴ Os jogadores, especialmente os dos grandes centros, atualmente são procurados e revelados, em sua maioria, nas escolinhas de futebol e não mais nos campos de pelada. A pelada, como será discutido em outras partes dessa dissertação, parece constituir antes um caminho paralelo, e não um *continuum*, em relação ao futebol profissional.

O quesito organização é um aspecto destacado também nas declarações colhidas pelo *Jornal dos Sports*. O aspecto informal das peladas é desvalorizado na fala do jornalista Argeu Afonso, d’O Globo, para quem “a impressão (...) é que a pelada simplesmente vicia o futuro jogador a ser indisciplinado, mas tratando-se de uma pelada organizada (...) o princípio fundamental para quem quer praticar tal esporte pode e deve ser aproveitado.” (JS, 31/03/1966, p.7). Já o professor Ernesto Santos, na época observador técnico da Seleção Brasileira, ressalta a promoção do JS, dizendo que “dará aos aficionados da pelada, um meio de praticá-la de forma mais organizada, podendo, inclusive, aprender a imitar os ‘dribles’ e jogadas desconcertantes dos astros brasileiros.” (JS, 01/04/1966, capa).

⁴ A respeito disso escreveu poeticamente Chico Buarque no texto “O moleque e a bola”, transcrito na epígrafe deste trabalho: “(...). No fim de tarde vejo entrar um bando de garotos de seus dez, doze anos, num desses complexos esportivos que a prefeitura administra na periferia de Paris. Não estão para brincadeiras. Chegaram quase todos paramentados, provavelmente de metrô, e gastam quinze minutos correndo em círculos. Há meninos muito, muito brancos, outros muito, muito pretos, e outros tantos bastante árabes. Já se dispõe em campo, no sistema três-cinco-dois, antes mesmo do primeiro apito. Um marmanjo vestido de escoteiro autoriza a saída, e a bola rola correta na grama sintética. Penso nas escolinhas de futebol como a do Zico, ou a do Rivelino (...). Tento imaginar - e não consigo - que espécie de futebol será o nosso se um dia tivermos escolinhas para todos os moleques com o talento de um Pelé (...).”

Todos os dias, a partir de 13 de março até 26 de agosto de 1966, foram publicadas matérias sobre o Torneio de Peladas, o que demonstra a importância que o evento tinha para o jornal e que também pretendia ter para o Aterro do Flamengo, espaço de lazer ainda recente no Rio de Janeiro. Escolher o Aterro para sediar as peladas do Torneio mobilizaria uma grande quantidade de pessoas para o local. Assim, como informa o trecho abaixo, o Parque do Flamengo poderia se transformar no “Maracanã das Peladas”:

Para que se possa avaliar o vulto da promoção que o Jornal dos Sports empreende no momento, basta ter em mente que 70 clubes particulares já disputam semanalmente suas peladas nas quadras do Parque do Flamengo. São clubes formados nos edifícios de apartamentos, nas ruas etc., todos eles de moradores de bairros próximos e do próprio bairro do Flamengo. Se somarmos a essas agremiações já formadas aquelas que efetivarão, os colégios, os clubes esportivos e as entidades bancárias e comerciais, poderemos ficar certos de que o torneio promovido pelo Jornal dos Sports irá transformar o Parque do Flamengo em um ‘Maracanã das peladas’. (...)” (JS, 15/03/66, p.2)

O Aterro do Flamengo e as quadras de pelada ainda eram espaços novos na cidade do Rio de Janeiro, e o Torneio tinha a intenção, também, de incentivar o uso daquele local e das quadras pelos peladeiros. Com a participação da população da cidade do Rio de Janeiro ocupando e freqüentando o Parque, por ocasião das peladas, a sua vocação como uma área de lazer popular e de acesso a todos estaria cumprida. “Todos nós devemos apoiar esta nova promoção, dando-lhe toda a ajuda necessária (...). (...) é um motivo para que nosso Parque acolha mais gente, dando-lhe maior motivação, maior significado (...)” (JS, 02/04/1966, p.7), afirmou Lota Soares ao Jornal dos Sports.

A organização do Torneio de Peladas pelo Jornal dos Sports foi feita em parceria com a Fundação Parque do Flamengo e contou com apoio do Governo do Estado, que ainda cuidava da finalização das obras no Aterro. O patrocínio foi da Esso Petróleo Brasileira e contou com cobertura televisiva da TV Globo, que filmou as principais partidas e veiculou em seus telejornais. O então governador Negrão de Lima, quando informado sobre o Torneio, “disse que faz questão de

estar junto com o povo no dia em que processará a abertura dos citados jogos.” (JS, 15/03/66, p.2).

De acordo com os depoimentos colhidos pelo Jornal dos Sports, a ideia da realização de um Torneio foi muito bem aceita pelos peladeiros que já freqüentavam o local. “O mecânico Rui Santiago, que não perde uma pelada aos domingos nos campos do Aterro declarou que ‘foi ótima a ideia, pois o que faltava ao Parque são certames organizados, valendo taça ou um troféu qualquer. As peladas são boas até certo ponto, pois chegam a um tempo que enjoam por não valer nada’” (JS, 14/03/66, p.7). Já “o garção (sic) José Manuel Pomar e o estudante Alvecinir Martins de Oliveira mostraram-se contentes ao saber da realização do I Torneio de Peladas, dizendo que era exatamente isto que faltava ao Parque do Flamengo” (JS, 14/03/66, p.7)

Um dia após a abertura das inscrições, 147 equipes já haviam se inscrito, número que batia o recorde de todos os eventos esportivos realizados pelo jornal até aquele ano. As inscrições eram gratuitas, o que de certa forma permitia que todos, independente das condições financeiras, participassem, e não havia limite para a quantidade de equipes participantes. As equipes eram provenientes não apenas dos bairros próximos às quadras, mas de toda cidade do Rio de Janeiro, e muitas traziam no nome referências do lugar de onde vinham. O regulamento da competição, inclusive, destacava a ideia do evento ser democrático: no artigo 2 consta que ele é de caráter popular e aberto a clubes, colégios, estabelecimentos bancários e representações avulsas com inscrições gratuitas.

No total 1109 equipes realizaram inscrições, sendo de 16.635 o número total de jogadores de 830 entidades; 270 delas participaram nas categorias infanto-juvenil e adulto.⁵ Os jogos seriam realizados aos sábados à tarde, domingos pela manhã e à tarde, e terças e quintas à noite, sendo neste horário realizadas apenas as partidas dos adultos. Para que pudessem acontecer no período noturno, foi instalada iluminação nas quadras pela Comissão de Energia Elétrica do Estado, que garantia distribuição de luz para seis dos oito campos.

⁵ Para se ter uma ideia da grandeza do evento realizado em 1966, o Campeonato de Pelada realizado em 2011 pelo Jornal Extra, no Rio de Janeiro, cuja partida final foi disputada no Aterro do Flamengo, reuniu 180 equipes masculinas, número bastante inferior em relação ao das 1109 equipes que se inscreveram no Torneio de 46 anos atrás. Para maiores informações sobre o Campeonato de Peladas, ver: <http://extra.globo.com/esporte/campeonato-de-pelada/?page=4>



Figura 4. Foto do “Miramar”, equipe da Rua Sá Ferreira, em Copacabana, que disputou o 1º Torneio de Peladas em 1966. Fonte: <http://comendadoralbuquerque.wordpress.com/tag/paulo-renato/>

A realização da competição, inclusive, veio a promover algumas melhorias naquela área do Parque. A SURSAN (Superintendência de Urbanização e Saneamento) se propôs a resolver os problemas de segurança, bem como garantir inovações no local, como o replantio de grama, construção de muretas laterais e calçamento de pedras portuguesas. Afirmou o presidente do órgão, Raimundo de Paula Soares, que “não pode o JS imaginar como foi de grande valia para nós do governo a realização desta promoção, que deu vida nova ao Parque e, por isso, vamos tratar de dar ao local uma série de melhoramentos que já se fazem prementes (...)” (JS, 08/06/1966, p.7)

O Torneio iniciou no dia 30 de abril, um sábado, às 14 horas. Foi realizado o hasteamento da bandeira nacional, do Estado da Guanabara, da Esso e do pavilhão do Jornal dos Sports. A reportagem publicada no dia seguinte, dia 1º de maio, no JS, informou que:

Com as equipes perfiladas em frente ao palanque oficial onde se encontravam altas autoridades, diante de uma multidão calculada em 10 mil pessoas, foi aberto oficialmente o I Torneio de Peladas (...) no qual tomam parte 760 clubes. Após a saudação do locutor do Repórter Esso, Gontijo Teodoro, que disse ser o Torneio ‘uma verdadeira democracia, onde não existem vencedores e nem vencidos, dando um novo movimento ao maior Parque do mundo, como é o Parque do

Flamengo, e voltando a uma coisa que há muito existe no Rio e que estava sendo esquecida. (...). (JS, 1/05/66, p.7)

Milhares de pessoas acompanharam a primeira rodada do Torneio, “vibrando com o desenrolar dos jogos, enaltecendo a realização do certame, que além de dar novo incremento ao Parque do Flamengo, congregará as equipes numa competição sadia.” (JS, 02/05/66, p.7). Segundo Lota Soares, o Torneio e a participação popular enalteciam a “obra de arrojo” que foi o Aterro do Flamengo.

A cobertura do jornal sobre o evento continuou a ser diária após o início do Torneio, com a divulgação de todos os jogos que aconteciam nas quadras do Parque e dos resultados das partidas que haviam ocorrido. Tendo em vista que era elevado o número de equipes participantes, o número de partidas na fase inicial também era bastante grande e, de toda forma, destacá-las separadamente é irrelevante para este trabalho. O mais importante é enfatizar a participação popular e o fato das quadras do Aterro, a partir desse evento, terem se tornado ainda mais identificadas como o lugar de pelada na cidade.

O crescimento da cidade do Rio de Janeiro é citado em algumas declarações dadas ao Jornal dos Sports como um elemento que teria atrapalhado a permanência das peladas, e por isso o Torneio estava sendo tão valorizado, assim como aquelas quadras do Aterro do Flamengo. Os comentários ressaltavam não haver mais tantos terrenos baldios, especialmente na Zona Sul, que naquele momento já sofria com a especulação imobiliária. O então técnico do Flamengo, Valter Miralha, declarou ao Jornal dos Sports que

depois da concretização total do Parque do Flamengo, a primeira e única coisa elaborada até o momento, de real utilidade e em função das construções ali realizadas, é a efetivação do I Torneio de Peladas (...). Se analisarmos a realização de tal torneio detalhadamente, chegaremos à conclusão que este veio a ser concretizado numa hora precisa, pois os moradores da zona sul, principalmente, já não tinham onde praticar o futebol, já que, com o crescimento da cidade, os poucos campos que por aqui existiam, extinguíram-se. Na praia é praticamente impossível, porque os quadros que disputam o campeonato já estão em sua maioria completos, não aceitando mais ninguém, nem para treinar. (...). (JS, 16/04/1966, p.7)

O jornalista Carlos Marcondes, da TV Continental, afirmou que o Torneio “é uma oportunidade que o Jornal dos Sports abre para o recrutamento de novos

craques, nesta época em que a indústria imobiliária vem terminando com os terrenos baldios, o grande berço da pelada.” (JS, 04/04/1966, p.7). Era também objetivo explícito do Jornal dos Sports, ao promover o evento no Aterro do Flamengo, fazer daquele um espaço que suprisse a carência de lugares para jogar pelada, como destaca a matéria publicada em 18 de março:

Com esta promoção espera o JS reviver no ano em que o Brasil se prepara para lutar pela conquista do tricampeonato do mundo, aquele antigo e saudoso espírito das memoráveis peladas, onde surgiram os famosos jogadores do futebol brasileiro. Com o crescimento natural da Cidade, os campos de pelada foram escasseando, à medida em que surgiam os mais altos arranha-céus, mas, agora, tudo isso poderá ser resolvido, nos campos do Aterro do Flamengo (...). (JS, 18/03/1966, p.7)

As quadras do Aterro do Flamengo eram caracterizadas como o local ideal para reviver as peladas que já não compunham mais com tanta frequência o cenário das ruas e terrenos baldios do Rio de Janeiro. De alguma forma, um serviu ao outro: o Aterro serviu às peladas no sentido de oferecer um espaço para sua prática; e as peladas serviram àquelas quadras no sentido de transformá-las em um espaço público de lazer de fato ocupado, concretizando a intenção original de seus criadores.

Desde então, o Aterro tornou-se uma referência para diversos times de pelada da cidade do Rio de Janeiro. Para este trabalho foi selecionada para uma análise detalhada uma equipe, o Ellite Futebol Clube, que há mais de 10 anos realiza seus jogos nos campos do Parque. Nos próximos capítulos serão trazidas à discussão aspectos do time que construiu sua identidade associada diretamente ao Aterro do Flamengo.